

UNIVERSIDADE DE UBERABA

FABÍOLA RESENDE DE MORAIS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: A IMPORTÂNCIA DA
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL NO CUIDADO COM A PESSOA EM SITUAÇÃO
DE RUA NO BRASIL**

UBERABA – MG

2022

FABÍOLA RESENDE DE MORAIS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: A IMPORTÂNCIA DA
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL NO CUIDADO COM A PESSOA EM SITUAÇÃO
DE RUA NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Uberaba como parte das exigências para
a conclusão da Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a. Me. Jéssika Rodrigues Alves

UBERABA – MG

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amigos de rua, Adriano e José.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, meu irmão, meus avós e meus padrinhos por serem ninho e fonte de nutrientes pra minha alma. Agradeço as minhas amigas, Bárbara, Brenda, Bruna e Júlia, por me acompanharem nesta jornada universitária e compartilharem laços para além da academia. Amo todos vocês.

Agradeço aos Orixás e todas as entidades de Umbanda que sempre me regem, me guardam, iluminam e guiam. Salve a nossa força!

Agradeço com carinho a minha orientadora, Jéssika, que me ajudou a destravar este trabalho tão importante pra mim, a Carol Almeida por nossos encontros onde me perco, me invento e me encontro e a Debis que escreveu a força da rua no poema que segue:

NA RUA TEM

Da próxima vez sai mais cedo
Esse foi o bom dia em um sábado qualquer
Na rua é assim, irmão
Ninguém te leva café na cama
O serviço de quarto? É o tático
Levanta, ralé, sai do estacionamento
Preciso abrir o meu ego
A dona tinha carro chique
E nem olhou na minha cara
O motorista do “busão” deu carona
Nosso escritório é ali
Nos intervalos de pessoas
Cantamos pra males espantar
Pra boas emanar
Mas na rua
Na rua é assim
Sem tempo
Muito barulho
Poucos olhares
Na rua tem todos aqueles que buscam encontrar respostas
Na rua tem aqueles que já desistiram de respostas
Na rua tem preto, índio, branco, adulto, velho e criança

Na rua tem
Tem mãe com filho vendendo bala
Menino lavando vidro no sinal
Tem artista fazendo malabares, artesão
Na rua tem gente que respira arte por falta de oxigênio
Na rua tem
Tem pedofilia descarada
Capitalismo que não tá só na capital
Capital que mistura egocentrismo
Vaidade, luxúria, avareza, desprezo, nojo
Cheguei em casa, que sossego
Na rua tem gente que respira arte
Por falta de oxigênio
Tem coisa que até o diabo dúvida
Tem milagre que nem deus acredita
Na rua tem
Na rua o corre começa quando o sol nasce
Nas ruas não tem divisão de classe
Tem frase no muro que faz mais sentido que pregação de pastor
Tem grafite que desenha a alma
Na rua não vende abraço
Tem doação de marmita
Mas falta empatia no garfo
O que diferencia o palco da rua?
É que o show não para
A vida segue
E a rua continua
Na rua tem mocinho, cúmplice, vilão
Sobe a cortina
A cena começa
Na rua a cena nunca parou
Tem gente que sai cedo e volta tarde demais
Se for da periferia tem que tomar cuidado com a milícia
Na rua tem

Tem 300 anos de chicotada estralando ainda
Na minoria que sempre foi maioria
Tem gritos ecoando em cima de cada igreja católica
Que foi construída a base de escravidão
Falsa burguesia
O sangue que derrama nas sarjetas
Das infinitas Marias que condenadas são só por nascerem com útero
Tem gente morrendo de crack vivendo de arte
Tem mãe, artesã, feminista, ativista, militante.
O sagrado na rua é se manter viva
A oração que tem q ser razão
Sem tempo, irmão, sem tempo
Volta pra casa...
Que casa?
Moradia que te mata, prestação pro inferno.
Na rua se vê a verdade que seu condomínio esconde
Muita exclusão pra quem nega o pão
Sai dessa meu, irmão
Esse conforto hipócrita que infla seu ego
Quanto do seu tempo você tira pra mudar o mundo?

– Ô, dr., desculpa, tô atrasado, nessa fila de espera desse mundo perdido, vim em busca de cura nesse mundo perdido. Mas...

– As doações acabaram, próximo por favor.

SUMÁRIO	
RESUMO	8
INTRODUÇÃO.....	9
MÉTODO	9
Tipo de estudo	9
Bases indexadoras.....	10
Critérios de inclusão	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS	17

RESUMO

MORAIS, Fabíola R.; **A importância da capacitação da equipe multiprofissional no cuidado com a pessoa em situação de rua no Brasil**. Uberaba/MG, 2022. Monografia. 17 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Universidade de Uberaba. Orientadora: Prof.^a Me. Jéssika Rodrigues Alves.

A população em situação de rua é um grupo populacional heterogêneo e, também por isso, atravessado por diversas questões particulares e sobrepostas. Considera-se população em situação de rua todas aquelas pessoas que se utilizam das ruas como forma de moradia temporária ou permanente e ainda assim têm seus direitos constitucionais minimamente garantidos. Desta forma, o objetivo deste estudo foi verificar como está o acesso dessa população aos dispositivos de cuidado assegurados pelos princípios do Sistema Único de Saúde, levando em conta o acolhimento oferecido pela equipe multiprofissional. Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura que investigou artigos dos últimos 10 anos sobre a população em situação de rua no Brasil, em língua portuguesa, através dos portais PePSIC, SciELO e BVS. A relação entre violências intrafamiliares, questões socioeconômicas e uso abusivo de álcool e outras drogas apareceu em todos os estudos, mesmo com suas especificidades acerca das condições de gênero, local de estudo (dispositivos de saúde) e método de análise (leitura socioterritorial). Conclui-se que não é possível produzir uma compreensão geral da população em situação de rua por se tratar de um grupo composto por diversos subgrupos muito específicos e que têm necessidades distintas. Diante disso, a questão da população em situação de rua ainda é um tema de pouca produção por parte da Psicologia, que tem muito a contribuir para a capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado de qualidade dessas pessoas, preparando-os para construir um olhar que contextualize aquela pessoa em seu universo particular.

Palavras-chave: situação de rua, equipe multiprofissional, cuidado

INTRODUÇÃO

A população em situação de rua é um grupo social heterogêneo, caracterizado por todas aquelas pessoas que, independente de raça, gênero, orientação sexual e religiosa, cor ou idade, mora permanente ou provisoriamente em locais públicos e/ou abandonados, bem como faz uso deles como sua forma de sustento (BRASIL, 2009).

Os motivos que levam as pessoas à situação de rua são diversos, porém relacionam-se sempre a situações de violência, sendo os principais motivos o etilismo e uso abusivo de outras drogas, conflitos familiares e desemprego (BORDIGNON et. al, 2013). Em relação às mulheres, pelo menos duas destas situações foram vivenciadas por cada uma das entrevistadas por Rosa e Brêtas (2015).

Diante disso, foi criada a Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009), que visa assegurar os direitos deste grupo populacional a partir da atuação dos equipamentos e dispositivos de saúde e assistência social apesar de toda a fragilidade causada pela marginalização, normatizando, através do Sistema Único de Saúde, sua responsabilidade na recorrente reavaliação e melhoria das políticas e capacitação das equipes multiprofissionais no cuidado com as minorias sociais (BORDIGNON et. al, 2013).

Retomando a História da Loucura, Foucault (2019) apresenta as raízes das práticas higienistas que, de tempos em tempos, elencam grupos a serem marginalizados e excluídos da paisagem social. Ainda assim, a higienização que atua sobre as pessoas em situação de rua não é como a que atuava sobre os leprosos e ainda, de certa forma e outros níveis, atua sobre os loucos e outros grupos renegados. É uma atuação ambígua que os expulsa dos lugares para os quais foram expulsos e não lhes concede outro território para a “reclusão”, é uma atuação na lógica da inclusão perversa incrustada na expulsão. (REIS, RIZZOTTI, 2013).

Pensando na sutileza necessária para entender a situação de rua e o compromisso profissional de oferecer cuidado e apoio para a pessoa em situação de rua, o objetivo deste trabalho é o de compreender a importância da capacitação profissional no cuidado com a pessoa em situação de rua no Brasil, a partir de uma atuação firme que contribua para a retomada de seus direitos já violados, bem como ao fortalecimento daqueles extremamente fragilizados, a fim de que a pessoa em situação de rua possa, de fato, construir e ter alternativas para sair desta situação.

MÉTODO

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. As revisões narrativas da literatura se caracterizam por consistir num método mais amplo e sem critérios muito rígidos

para a captação de materiais que possam contribuir para o objetivo de um estudo, não necessitando de esgotar as fontes de informação, bem como a particularidade de a autora poder escolher o que será incluído na construção teórica de seu trabalho e, por isso, o estudo ganha um caráter de subjetividade da autora (CORDEIRO et. al, 2007).

Bases indexadoras

A busca foi realizada nas bases de dados BVS, PePSIC e SciELO. Foram utilizados os termos “população em situação de rua”, “saúde pública”, “sem-teto” e “situação de rua” para trabalhos na língua portuguesa. As buscas foram realizadas entre agosto e dezembro de 2019.

A primeira etapa deste estudo foi a definição de um tema e os objetivos do mesmo, a partir disso foram estabelecidos os critérios de inclusão de artigos e a relevância dos materiais captados para a sua fundamentação. As questões norteadoras deste estudo foram: “Quais impactos a Política Nacional para a População em Situação de Rua causou em seus 10 anos de criação?”, “Quais são as demandas de cuidados da população em situação de rua?”, “Qual a qualidade do cuidado que a equipe multiprofissional oferece à população em situação de rua?”

Crítérios de inclusão

Os critérios de inclusão foram trabalhos publicados nos últimos 10 anos, sendo utilizados aqueles que, independentemente da área de conhecimento, trouxessem conteúdos relevantes e que contribuíssem para responder às questões norteadoras. O público alvo deste estudo são, principalmente, profissionais de saúde que lidam direta ou indiretamente com as demandas da população em situação de rua, bem como pesquisadores e interessados na área.

Crítérios de exclusão

Foram excluídos materiais anteriores ao ano 2009, publicados em outras línguas que não a língua portuguesa, materiais repetidos, materiais que se distanciassem do tema e não respondessem à questão norteadora do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considera-se a População em Situação de Rua, a partir do decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, um grupo social heterogêneo composto por todas aquelas pessoas, independente de idade, cor, credo, sexualidade ou gênero, que se utilizam de locais públicos ou abandonados como moradias permanentes ou provisórias e também vias de sustento, bem como das unidades de acolhimento para pernoite, devido a extrema pobreza, desemprego, fragilização ou interrupção de vínculos familiares (BRASIL, 2009).

No estudo da população em situação de rua, verifica-se constantemente, a partir da leitura de artigos e reportagens, a pluralidade de eventos que culminaram na ida de homens e mulheres às ruas, muitos deles trágicos e dos quais a maioria das pessoas abordadas em pesquisas não gosta de falar ou de se aprofundar, envolvendo casos de violências intrafamiliares, uso abusivo de álcool e outras drogas, perdas violentas de entes, perdas de tutela de filhos e filhas, desemprego estrutural, migração, entre outros (HINO, SANTOS, ROSA, 2018).

No caso de uma parte das mulheres em situação de rua, a violência doméstica tem destaque como motivo que levou à vida nas ruas, uma vez que se encontravam numa situação de desamparo familiar e institucional para enfrentar os relacionamentos abusivos, a dificuldade de arrumar emprego e de sustento próprio e dos filhos. Por outro lado, o uso de álcool e outras drogas também é considerado o motivo que levou outra parte dessas mulheres a viver nas ruas, já que prejudicou a vida “convencional” no que tange as áreas familiar e de trabalho. Para além deste processo de expulsão que por si só é violento, o uso de álcool e outras drogas também intensifica a exposição destas mulheres a outros tipos de violência, bem como à criminalidade. Além disso, a recorrente “alternativa” de buscar o mínimo de seu sustento através da prostituição aliada à falta de oportunidade de cuidado com a saúde – e especificamente a saúde sexual – confere a elas um grau de maior vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada (ROSA, BRÊTAS, 2015).

Nas ruas, conforme Rosa e Brêtas (2015), as alianças são firmadas a partir de amizades, mas, em caso de uso abusivo de drogas, as mulheres tendem a se aliar aos homens em busca de proteção.

Vitória, uma mulher de 25 anos de idade que está há 8 anos em situação de rua, revela para Rosa e Brêtas (2015) a precariedade do sono da pessoa em situação de rua que, em alguns momentos, chega a ficar sem dormir por conta do medo. Como têm acesso a alguns meios de comunicação, Vitória traz em sua fala as notícias que envolvem as violências contra a população em situação de rua que puderam ser distribuídas em quatro categorias distintas, que denominarei como hétero-violência (praticada por pessoas que não estão em situação de rua, simplesmente por se incomodarem com as condições que vivem as pessoas em situação de rua), intra-violência (praticada entre as pessoas em situação de rua), bem como a violência planejada (ou também estrutural/de expulsão, que parte de grupos que detém certo poder socioeconômico como comerciantes, policiais e moradores no intuito de higienizar a paisagem social da qual usufruem/fazem parte) e a violência sexual (mais comumente contra as mulheres, por isso,

também pode-se pensar em certo grau de violência de gênero, praticada majoritariamente por homens, mas não necessariamente por homens em situação de rua).

Sua narrativa expressa o certo grau de animosidade que a vida nas ruas impõe sobre o comportamento da pessoa em situação de rua, lembrado por Byung-Chul Han em “A Sociedade do Cansaço” (2015). Se, a partir desta visão, experimentamos hoje e frequentemente um estado animal de hipervigilância que nos coloca em alerta em relação ao mundo como um todo, e esse estado é acionado pela intensa atuação do funcionamento do sujeito do desempenho, denominado por ele, no caso da população em situação de rua, esta axiomática do capital esvazia-se e dá lugar à “pura ameaça” de violação de territórios, pertences e corpos. Uma vez que, o sujeito do desempenho é aquele que produz o que o capital determina, a população em situação de rua sofre o estigma de ser considerada inútil e convenientemente invisível à sociedade por não corresponder ao conceito produtivo do capitalismo (REIS, RIZZOTTI, 2013).

A experiência da existência social da pessoa em situação de rua pode-se expressar em três “níveis verbais”, a partir de que ficar na rua ganha o caráter circunstancial; estar na rua ganha o caráter temporal de recência; e ser da rua confere o caráter de permanência e, de certa forma, pertencimento (HINO, SANTOS, ROSA, 2018).

Diante disso, é importante fazer uma leitura socioterritorial do contexto da população em situação de rua para que se possa integrar o entendimento da relação de ambiguidade e violência que o território e a experiência social estabelecem com a pessoa em situação de rua, uma vez que tem seu lugar de ocupação definido também pelo seu lugar de expulsão. No sentido de que as pessoas em situação de rua tornam-se sem lugar mesmo que, no dia a dia, estabeleçam uma relação de território particular com os espaços públicos que ocupam (REIS, RIZZOTTI, 2013). Isso implica numa prática compulsória de nomadismo, que também é atravessada pelo higienismo, como citam Rosa e Brêtas (2015) e podemos observar nas recentes contra-intervenções praticadas pelo Padre Júlio Lancelotti no centro de São Paulo (CARTACAPITAL, 2021), onde a prefeitura, enquanto agente urbanístico, concretizou a expulsão da população em situação de rua em determinados locais através de intervenções materiais e simbólicas agressivas (ROSA, BRÊTAS, 2015).

Compreendendo que a população em situação de rua tem um modo de vida peculiar que a difere dos demais grupos sociais, fez-se necessária a criação da Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009) cujas formas de atuação e responsabilidades são descentralizadas e compartilhadas entre os três poderes e Governos de todos os níveis.

A denominada PNPR tem, então, como objetivos gerais, de acordo com o inciso I do 7º artigo, “assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda” (BRASIL, 2009), respeitando os princípios básicos da Política Nacional para a População em Situação de Rua descritos no 5º artigo

[...] além da igualdade e equidade:

I - Respeito à dignidade da pessoa humana;

II - Direito à convivência familiar e comunitária;

III - valorização e respeito à vida e à cidadania;

IV - Atendimento humanizado e universalizado; e

V - Respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (BRASIL, 2009).

No entanto, a partir da leitura socioterritorial, evidencia-se que as condições físicas e de higiene da população em situação de rua compõem outro fator ambíguo na sua presença: a violência da invisibilização. Uma vez que a imagem da pessoa em situação de rua escancara a desigualdade social, sua presença é naturalizada como parte da cena urbana e é intencionalmente camuflada para ser tolerada (REIS, RIZZOTTI, 2013). Por outro lado, em outros espaços de convívio social, a mesma imagem é o convite de expulsão, inclusive dos equipamentos de saúde. Isto contrapõe os princípios básicos do Sistema Único de Saúde que se compromete a oferecer e garantir a todo e qualquer cidadão brasileiro o acesso universal aos serviços de saúde, bem como a equidade no cuidado e a integralidade da assistência, além da responsabilidade por averiguar a prestação de serviços e atuar constantemente na reciclagem e melhoria de processos e procedimentos e na capacitação da equipe em seus diversos níveis para os cuidados específicos de minorias sociais (BORDIGNON et al., 2013).

Além dos espaços públicos e/ou abandonados, a população em situação de rua, a partir da Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009), garante os chamados albergues, disponíveis para pernoites. No entanto, há relatos que denotam a dificuldade do relacionamento dentro dos albergues e certa constante disputa de poder e territorial entre algumas pessoas em situação de rua. Rosa e Brêtas (2015) reuniram relatos que expõem a dificuldade de dividir estes espaços e conciliar o respeito aos limites individuais de cada pessoa, uma vez que parece ser recorrente o confronto explícito às regras – por exemplo, começarem a

gritar quando é dada a hora de dormir. Além disso, parece que os comportamentos são intencionalmente implicantes para que as situações resultem em brigas verbais e armadas, como relata Beatriz, que tem 42 anos de idade e está há 6 anos em situação de rua.

A partir disso, é possível delinear a compreensão de que a situação de rua é um fenômeno complexo e multidimensional que vai muito além da realidade de a maioria da população em situação de rua se encontrar na linha da extrema pobreza. A situação de rua engloba privações de diversas liberdades, inclusive nestes espaços de saúde e assistência (BORDIGNON et. al., 2013).

Não é possível reduzir a saúde da população em situação de rua apenas à satisfação de necessidades fisiológicas e sobrevivência do corpo, já que, além do preconceito nos equipamentos de saúde e assistência, o sofrimento cotidiano e a falta de melhores perspectivas também refletem na relação entre a perda de autoestima e autonegligência enquanto falta de preocupação com o próprio cuidado (HINO, SANTOS, ROSA, 2018). Esta situação esbarra no fato de que a maioria das políticas voltadas para a população em situação de rua tem uma atuação que não contribui para a mudança deste quadro, uma vez que sua postura comumente compensatória e assistencialista não atua efetivamente para a diminuição da desigualdade social (BORDIGNON et al., 2013).

A criação do Consultório de Rua vem como uma alternativa para ampliar essa acessibilidade e a qualidade da atenção à população em situação de rua. Ainda assim, capacitar profissionais que possam acolher a pessoa em situação de rua em sua singularidade e atender suas demandas específicas é um grande desafio diante da complexidade e pluralidade da população em situação de rua, aliada à fragilidade da intersectorialidade entre as políticas públicas (HINO, SANTOS, ROSA, 2018).

O relato abaixo é de Paula, uma mulher de 41 anos de idade e que está em situação de rua há 10 anos, e demonstra o despreparo de uma membra da equipe de cuidado ao conduzir um diálogo que, provavelmente, tinha a intenção de promover a reintegração desta mulher ao seu convívio familiar, porém, sem a criticidade e técnica necessárias para entender o contexto mais amplo em que Paula estava inserida, contribuiu para que ela fosse para a rua:

O que aconteceu foi que ele me deu uma facada embaixo do peito, e eu fui para o hospital. No hospital depois que me trataram, que eu estava com os pontos tudo, a assistente social veio conversar comigo e perguntar como tinha acontecido aquilo. E aí eu conversei com ela, e toda hora ela falava – mas essa é a sua escolha, depois que você ficar boa vai voltar para casa? E toda vez que você volta, você volta com um problema. Você vai bem, depois volta porque ele te bateu, ou volta porque ele te botou

para fora, ou volta porque ele te esfaqueou. Aí eu falei que não ia mais, e realmente não fui mais. Não fui, conversei com a minha família normal pelo telefone, mas não fui mais e estou na rua (ROSA, BRÊTAS, 2015, p. 278).

Para assegurar um atendimento mais adequado às demandas da população em situação de rua é necessário ter a clareza de que a experiência da vida dessa população é atravessada, ao mesmo tempo, por diversos fatores que extrapolam simplesmente a esfera da moradia e pobreza. A experiência da vida nas ruas também sofre a influência do comprometimento de outros fatores socioeconômicos. Tendo em vista o conceito de saúde da OMS, fragilidades nos direitos como segurança, integridade física e emocional, no conceito de identidade e no sentimento de pertencimento e raízes impedem a caracterização desse bem-estar integral. Diante disso, faz-se imprescindível que os trabalhadores da saúde possam enxergar a população em situação de rua como sujeitos de direitos, que têm suas próprias histórias e particularidades de existência (HINO, ROSA, SANTOS, 2018).

Para além da atuação da equipe de cuidado, esta situação também denota uma fragilidade no que diz respeito à aplicação das punições dispostas no Código Penal, mais especificamente, da Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha. Esta negligência do Estado esbarra em vários fatores, um deles implica na dificuldade de a mulher sustentar sua denúncia de violência doméstica quando já se encontra sem apoio familiar e sem autonomia e se depara com um sistema que não oferece alternativas para que ela possa sair dessa situação (ROSA, BRÊTAS, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem da população em situação de rua que vai se delineando é muito ligada a ocupar o chão, à sujeira e à invisibilidade. No entanto, a população em situação de rua é um grupo extremamente heterogêneo, que necessita de cuidados particulares. E isso se relaciona fortemente com a proposta da leitura socioterritorial, uma vez que propõe um olhar crítico e integrado entre as singularidades de cada caso, num âmbito micropolítico, e as questões mais amplas que envolvem o modo de produção capitalista, num âmbito macropolítico (REIS, RIZZOTTI, 2013).

A fragilidade da relação que se estabelece entre esse micro e macro, reflete claramente na atuação da equipe multiprofissional que não consegue enxergar ali cidadãos de direitos ao se deparar com as demandas tão específicas e tudo o que a pessoa em situação de rua representa socialmente (HINO, ROSA, SANTOS, 2018).

Visto isto, este estudo pode contribuir para ampliar o entendimento de como a rede de cuidado estabelece relações com a população em situação de rua, bem como relações

multiprofissionais e interdisciplinares para oferecer cuidados melhores e mais adequados para as demandas dos usuários.

Foi observado, no entanto, que nenhum dos artigos usados é proposto pela Psicologia, por isso, pode-se levantar o questionamento e a inquietação sobre onde e como a Psicologia se envolve com as questões da população em situação de rua. Uma vez que é uma área de conhecimento que muito tem a contribuir, por exemplo, no que tange ao cuidado da equipe de cuidado a partir das técnicas desenvolvidas para grupos operativos.

As limitações deste trabalho se dão por focar numa revisão de materiais que tratem especificamente da situação de rua no Brasil para tentar avaliar os impactos da Política Nacional para a População em Situação de Rua desde sua criação, também por isso foram utilizados apenas materiais em língua portuguesa produzidos a partir de 2009. Além disso, a quantidade de artigos selecionados é relativamente baixa.

Como supracitado, uma das sugestões seria a produção de artigos sobre o cuidado com a população em situação de rua a partir do olhar da Psicologia, que tem a habilidade de unir a suavidade e a profundidade do entendimento da história de vida da pessoa atrelada a sua realidade hoje. Além disso, que as produções científicas acerca do tema possam servir para a melhoria constante das propostas de políticas desenvolvidas a partir da Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009), de forma que a sua atuação possa se tornar mais robusta e firme e romper com a característica observada de ser compensatória e assistencialista (BORDIGNON et. al, 2013). Neste sentido, como foi bastante observada a heterogeneidade deste grupo e ainda sugerido no artigo de Rosa e Brêtas (2015), também é sugerido dar a importância aos equipamentos menores destinados à população em situação de rua que podem contribuir para uma maior pessoalidade dentro do equipamento, bem como favorecer a convivência, em detrimento de equipamentos maiores que tendem à terceirização e impessoalidade.

REFERÊNCIAS

Basílio, Ana Luiza. **Padre Júlio Lancellotti quebra pedras sob viadutos e critica Prefeitura**. CartaCapital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/padre-julio-lancellotti-quebra-pedras-sob-viadutos-e-critica-prefeitura/>>. Acesso em: 31 mai. 2022

Bordignon, J. S.; Da Silveira, C. C. S.; Delvivo, E. M.; Araújo, C. P.; Dalla Lasta, L.; Weiller, T. H. **Adultos Em Situação De Rua: Acesso aos Serviços de Saúde e Constante Busca Pela Ressocialização**. Revista Contexto & Saúde, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 629–634, 2013. DOI: 10.21527/2176-7114.2011.20.629-634. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1610>. Acesso em: 31 maio. 2022.

BRASIL. Governo Federal. **Política Nacional Para a População em Situação de Rua. Brasil. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

Cordeiro, Alexander Magno et al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões [online]. 2007, v. 34, n. 6 [Acessado 10 junho 2022], pp. 428-431. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>>. Epub 18 Jan 2008. ISSN 1809-4546. <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>.

Decreto 7.053/2009. Presidência da República, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: 11ª edição, Perspectiva, 2019.

HAN, B.C. **Sociedade do Cansaço**. São Paulo: Vozes, 2015.

Hino, Paula, Santos, Jaqueline de Oliveira e Rosa, Anderson da Silva. **People living on the street from the health point of view**. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2018, v. 71, supl. 1 [Acessado 31 maio 2022], pp. 684-692. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0547>>. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0547>.

Reis, Mariana Sato dos, Rizzotti, Maria Luiza Amaral. **População de Rua, Território e gestão de políticas sociais: para além de um retrato social**. Serv. Soc. Rev., Londrina, V. 16, N.1, P. 43-65, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2013v16n1p43> Acesso em: 31 de maio de 2022.

Rosa, Anderson da Silva e Brêtas, Ana Cristina Passarella. **A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2015, v. 19, n. 53 [Acessado 31 maio 2022], pp. 275-285. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>>. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>.